

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

237

INSCRIÇÕES 819-821



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



REVISITANDO IRCP 194

Mais uma vez se usa o *Ficheiro Epigráfico* não para dar a conhecer uma inscrição inédita, mas para completar a leitura de uma que foi mui parcialmente dada a conhecer, de tal modo que a poderíamos agora considerar inédita no seu conjunto.

Descreveu-se em IRCP 194¹ a parte superior de uma ara funerária de mármore, que se estudara, em Abril de 1978, «junto à parede do cemitério de S. Romão do Sado» (freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal).

Num manuscrito consultado por Marta Páscoa² no Arquivo Municipal de Beja³, está, todavia, a informação completa acerca desta epígrafe, acompanhada, aliás, de uma história que vale a pena partilhar.

Conta o autor do manuscrito, o erudito Frei Francisco de Oliveira, na p. 7, que, «descobrindo-se, ao derribar da igreja velha, uma pedra na qual se achava, de um lado, esculpido um

¹ IRCP = ENCARNÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 1984. [O número indica o número da inscrição no catálogo].

² PÁSCOA (Marta Cristina Relvas Janeiro), *Fr. Francisco de Oliveira – A escrita da História Regional e Local no século XVIII* [Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – Departamento de História – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa], Lisboa, 2002. 2 volumes.

³ OLIVEIRA (Fr. Francisco), *Memórias para a História da Província do Alentejo divididas em duas partes. Comprehende a primeira a fundação da cidade de Beja e de todas as terras do seu dilatado termo. Descreve a segunda as vilas e aldeias que se encerram dentro da sua extenção comarca*. Manuscrito sem data. Arquivo Municipal de Beja (Fundos Vários nº 8, caixa 2).

jarro e, do outro, uma garrafa e estas letras» – e dá a leitura que se citará de seguida – «o cura de S. Romão do Sado, Francisco Dias Louro», «bom clérigo», «construía» do letreiro a seguinte interpretação:

Esta igreja de S. Romão foy edificada no ano 17 de Cristo por D. Manoel Silimario Casiano da família dos Salemas (Páscoa, II vol. p. 27).

Frei Francisco, ao invés, estando na razão, traduzia:

«Que vem a ser: Memória consagrada aos deuses dos defuntos. Lucio Mario Cassiano faleceu de 17 anos aqui está sepultado seja-lhe a terra leve».

A versão dada pelo frade permite-nos, pois, reconstruir o monumento completo:

D(is) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum) / L(ucius) ·
MARIVS / CASSIANVS / ANNOR(um) XVII (septem et decem)
/ H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Mário Cassiano, de 17 anos. Que a terra te seja leve.

Em relação ao que se publicou, em 1984, a propósito da ocorrência do *nomen Marius*, confirma-se poder ter sido uma das famílias relevantes de *Salacia*, tendo-se contado na Lusitânia, aquando da realização do *Atlas Antroponímico*⁴, 25 testemunhos.

Cassianus, por seu turno, não atingia a dezena de ocorrências (*ibidem*, p. 135 e mapa 79), com relativa predominância na zona ocidental. Kajanto⁵ incluiu *Cassianus* entre os *cognomina* com mais ocorrências no contexto do Império; formado a partir do gentílico *Cassius*, identificava de modo especial libertos – o que não é o caso aqui, dado que a identificação com *tria nomina*

⁴ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 230, mapa 195.

⁵ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, p. 35 e 144.

sem filiação e *cognomen* etimologicamente latino indicia um indígena romanizado.

O que o cura interpretou como sendo uma garrafa é a pátera, que estava em relevo na face lateral direita da ara.

Os elementos novos que ora permitiram ter a leitura completa da epígrafe confirmam a datação atribuída: 2^a metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ⁶



⁶ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

INSCRIPCIÓN ROMANA DEL PORTUS ILICITANUS (SANTA POLA, ALICANTE, HISPANIA CITERIOR)

El litoral de la provincia de Alicante no es un espacio pródigo en el descubrimiento de inscripciones antiguas¹. Pese a su ubicación en una fachada mediterránea con grandes centros epigráficos como *Tarraco*, *Valentia* o *Carthago Nova*, a medio camino entre estas dos últimas ciudades, son muy pocos los testimonios que se van identificando en las excavaciones, lo que confiere mayor relevancia al texto que presentamos a continuación.

Ptolomeo identifica con el nombre de “Portus Ilicitanus” el espacio que dio servicio a la *colonia Iulia Augusta Ilici*, que no tenía un emplazamiento costero y que precisaba de instalaciones portuarias para el normal movimiento de sus mercancías². De la intensidad de la actividad comercial en este puerto sabemos

¹ Estas páginas se han escrito en el marco del proyecto de investigación «Poblamiento de época romana y evolución del hábito epigráfico en Hispania citerior y norte de Lusitania», PID2019-106169GB-I00, del Ministerio de Ciencia e Innovación del Gobierno de España. Agradezco a J. Molina, D. Mateo y J. F. Álvarez su deferencia al ofrecerme esta pieza para su publicación. Las fotografías son obra de J. Muñoz Ojeda. El dibujo es obra del autor de estas líneas.

² Ptol. 2, 6, 14; A. TOVAR, *Iberische Landeskunde. Segunda parte. Las tribus y las ciudades de la antigua Hispania*. Tomo 3. *Tarraconensis*, Baden – Baden 1989, 201. Véase J. A(bascal) P(alazón), en *TIR J-30*, Madrid 2001, 200-201 s. v. *Ilicitanus Portus*.

por los hallazgos monetarios³ y por los anfóricos⁴, a los que hay que añadir un copioso volumen de información arqueológica relativa a *villae* ubicadas en su entorno inmediato de las que una, la situada en el llamado “Palmeral” y pavimentada con ricos mosaicos, pudo ser una *villa a mare* como la que Plinio atribuye a su amigo *C. Licinius Marinus Voconius Romanus* (Plin., epist. 9, 7, 1) y que estaba ubicada en *Saguntum*, dos centenares de kilómetros más al norte y en el mismo litoral mediterráneo.

Del *Portus Ilicitanus* proceden un altar dedicado a *Venus*⁵ que se conserva en el Museo de Santa Pola, los epitafios de *L. Cornelius L. f. Quirinalis*⁶ y de la liberta *Terentia Tethis*⁷, un fragmento de otro posible epitafio⁸ y otro completamente ilegible⁹. Como puede verse, el censo es muy escaso y de ahí el interés del nuevo epígrafe funerario.

La placa fue descubierta en las excavaciones del *Portus Ilicitanus* el año 2019; los fragmentos se encontraban con el texto hacia abajo y habían sido reutilizados en un pavimento en las dependencias de la instalación portuaria. Se conserva en el Museo de Santa Pola. Está tallada en mármol blanquecino con vetas ligeramente terrosas, partida en numerosos fragmentos y ha perdido prácticamente el 50% de su superficie total por la izquierda. En la parte conservada se observan también pequeñas lagunas y ha desaparecido el ángulo superior derecho. Sus dimensiones actuales son 33,5 x (41,5) x 3,5 cm. Las letras son mayúsculas cursivas de relativa calidad, con los refuerzos muy marcados y en algunos casos – como al final del último renglón – de grabado muy superficial. El trazado, no obstante, presenta algunas irregularidades, como se puede observar en las

³ J. M. ABASCAL, *La circulación monetaria del Portus Ilicitanus*, Valencia 1989.

⁴ D. MATEO – J. F. ÁLVAREZ, Arqueología marítima del *Portus Ilicitanus* (Santa Pola), en: *El patrimonio sumergido de Alicante (Canelobre 72)*, otoño 2021, 141-160.

⁵ *AE* 2012, 808.

⁶ *EE IX* p. 134 n.º 352.

⁷ *EE IX* p. 134 n.º 354.

⁸ *CIL II* 5957. La pieza se da por desaparecida.

⁹ *HEp* 5, 1995, 32, hoy perdido.

diferencias entre la letra P de la segunda línea y la misma letra de la cuarta o entre las dos L que van seguidas al final del último renglón. Como es habitual en este tipo de escritura, la A carece de travesaño horizontal. La altura de los caracteres es de 7,5 (v. 1), 7 (v. 2), 6,5 (v. 3) y circa 5,5/6 cm (v. 4). En la primera línea las interpunciones son hojas de hiedra, que reaparecen también en el cuarto renglón detrás de las letras T y L. En el resto de los casos son puntos deformes marcados sin voluntad de crear una figura geométrica determinada. Hay que destacar que las tres últimas letras de la última línea fueron grabadas *a posteriori* con una técnica diferente a la del resto del texto y con rasgos paleográficos también diferentes.

En el borde izquierdo de la fractura de la primera línea se reconoce bien el extremo derecho de una D, lo que permite calcular por simetría la anchura total del soporte original. Al comienzo del segundo renglón se observa el extremo superior de una letra no identificable, que tanto podría ser vocal como consonante, con lo que el nombre del fallecido debió ser [- - -]+*ponus*. Pero el resto conservado en la fractura izquierda del tercer renglón debe corresponder a una vocal, puesto que allí no se encuentra una abreviatura sino el nombre personal de la esposa del difunto. Antes de ese nombre habría que esperar una indicación de edad, lo que indica que el nombre de la mujer hubo de ser muy corto o estar abreviado.

Al final de la última línea, después de la fórmula funeraria, se reconocen las letras L S P. No es una solución corriente en los textos funerarios ni se encuentra en la ubicación correcta, pues estas letras deberían estar grabadas detrás de la voz *marito*; en todo caso, no hay dificultad para entender aquí *l(oco) s(uo) p(osuit)*. La fórmula *loco suo posuit*, sin abreviar, se encuentra en una inscripción funeraria itálica del siglo II con la dedicación de un liberto a su patrono¹⁰. En otro texto funerario de Roma, de los siglos III-IV¹¹, se lee *posuit titulum loco suo*. La expresión *loco suo* para definir la propiedad del espacio funerario utilizado

¹⁰ CIL X 1882. Tomo las referencias de la base de datos Clauss-Slaby (<http://www.manfredclauss.de>).

¹¹ CIL VI 22469.

no falta en otras inscripciones¹². Un epitafio de *Carthago Nova*, conservado en el Museo Municipal de Cartagena¹³, contiene la indicación *fecit loco suo*, una formulación que tiene el mismo sentido. Es importante repetir que son esas tres letras, L S P, las que fueron grabadas *a posteriori* sobre la placa, lo que pudo ser una forma de señalar la propiedad del espacio cuando ya el monumento había salido de la oficina epigráfica correspondiente.

A partir de las consideraciones anteriores, el texto parece decir lo siguiente:

D(is) ◦ M(anibus) ◦
 [- - -]+ponus
 [ann(orum) - - -]+r ◦ mari-
 [to h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi)] t(erra) ◦ l(evis) ◦ l(oco) ◦
 s(uo) ◦ p(osuit) ◦

2–3. Las cruces corresponden a los extremos superiores de sendas letras no identificables.

Trad.: (Consagrado) a los dioses Manes. Aquí yace [- - -]+ponus, de [- - -] años de edad. [- - -]+r lo puso para su marido en su propio espacio funerario. Que la tierra te sea leve.

La estructura del texto responde a modelos formularios que conocemos muy bien a finales del siglo II y comienzos del siglo III d. C.: tras la invocación a los *Manes*, el nombre del difunto en nominativo aparece vinculado a una fórmula final H S E S T T L, mientras que el o la dedicante aparecen en el espacio intermedio con indicación de la relación que les une con el difunto o la difunta. Aunque los ejemplos son numerosos en ámbitos lusitanos y béticos de *Hispania*, se pueden citar como testimonios de relevancia un altar funerario de Regina (Badajoz)¹⁴, de finales del siglo II, y el altar funerario de *Vibia Asclepiace* en Mérida¹⁵,

¹² CIL III 141: *in loco suo vivus fecit*; CIL V 7605: *s(uo) l(oco) v(ivus) i(pse) p(osuit?)*.

¹³ CIL II 3444; CIL I² 3449a; J. M. ABASCAL – S. F. RAMALLO, *La ciudad de Carthago Nova III. La documentación epigráfica*, Murcia 1997, 265-269 n.º 84.

¹⁴ CIL II²/7, 987 (= II 1038).

¹⁵ L. GARCÍA IGLESIAS, *Epigrafía romana de Augusta Emerita*, Madrid 1973,

seguramente de las mismas fechas.

Las últimas letras del nombre del difunto, [- - -]+*ponus* no permiten precisar su identidad, pues son varios los nombres griegos con esa terminación. A los testimonios documentados en *Hispania* de *Melepo[n]us*¹⁶ y *Ti. Iulius Philoponus*¹⁷ hay que unir los muchos ejemplos itálicos de *Antigonus*, *Epigonus*, *Lysiponus*, *Philoponus*, etc.¹⁸.

Más dificultades plantea el nombre de la dedicante. Si al comienzo del tercer renglón hubo una indicación de edad, aun admitiendo que fuera tan breve como, por ejemplo, *ann(orum)* L, apenas queda hueco para 4 o 5 letras antes de la vocal perdida en el margen de la rotura. Es decir, en la tercera línea habría que imaginar algo como [*ann(orum)* L]+*r*. La vocal que antecede a la R no puede ser una A, E, O o U, pues esas desinencias corresponden a *cognomina* masculinos, y tampoco puede ser una I porque no conocemos nombres terminados en IR. La única opción posible es que el nombre de la dedicante esté abreviado. Y, si está abreviado, hay que pensar en un nombre femenino corto y fácilmente identificable, por ejemplo *Emer(ita)*, *Sever(a)*, *Vener(ia)* o, incluso, el popular *nomen gentile* *Valer(ia)*.

El tipo de letra y la fórmula inicial sugieren una datación avanzada en el siglo II, probablemente a finales de esa centuria.

JUAN MANUEL ABASCAL¹⁹

n.º 387; G. GAMER, *Formen römischer Altäre auf der hispanischen Halbinsel* (*Madrider Beiträge* 12), Berlin 1989, 194, n.º BA-31, Taf. 77 d.

¹⁶ Tarragona. *CIL* II²/14, 979.

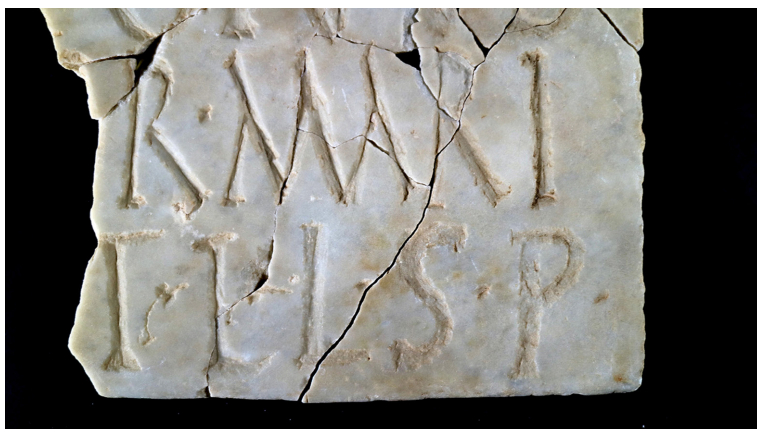
¹⁷ EL CARPIO (Córdoba). *CIL* II²/7, 214 (= II 2189).

¹⁸ H. SOLIN, *Die griechischen Personennamen in Rom. Zweite, völlig neu bearbeitete Auflage*, Berlin – New York 2003, 1550.

¹⁹ Universidad de Alicante, juan.abascal@ua.es.



1



2

820



3

820

TIJOLO COM GRAFITO DE HERDADE DAS BARBAS
DE LEBRE 1, BALEIZÃO, BEJA

(Conventus Pacensis)

Durante a realização de trabalhos de acompanhamento arqueológico na Herdade da Rabadôa (Baleizão, Beja, Portugal), no âmbito de um projeto agrícola, recolheu-se um fragmento de tijolo com grafito, no sítio Herdade das Barbas de Lebre 1 (CNS 34076).

Os trabalhos arqueológicos surgiram na sequência de emissão de informação de Pedido de Enquadramento em PDM, da qual resultou um parecer da Direção Regional de Cultura do Alentejo, condicionando o projeto de reconversão agrícola a prospeções arqueológicas prévias e acompanhamento arqueológico.

O sítio Herdade das Barbas de Lebre 1 encontrava-se referenciado como Vestígios Diversos, com cronologias da Idade do Bronze, Idade do Ferro, Época Romana e Medieval Islâmica. Ocupa uma vasta área de dispersão onde foi identificada, em trabalhos anteriores, uma sepultura do Bronze Final / I Idade do Ferro, bem como diversas estruturas de época romana e medieval islâmica.

O sítio encontrava-se ocupado por olival intensivo aquando da realização das prospeções e acompanhamento arqueológico a cargo d' O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade

Limitada, que decorreram em Março e Junho de 2022¹.

Os trabalhos sujeitos a acompanhamento arqueológico no sítio Herdade das Barbas de Lebre 1 consistiram na abertura de uma vala de rega, paralela a um caminho vicinal, no limite noroeste da mancha de dispersão de materiais identificada em prospeção.

No decurso do acompanhamento arqueológico observaram-se duas áreas com maior presença de materiais arqueológicos, na zona mais baixa do terreno, sobretudo *imbrices*, *tegulae*, *lateres* e escassos fragmentos de cerâmica comum, que não se encontravam associados a níveis arqueológicos preservados ou a estruturas arqueológicas.

Os materiais recolhidos confirmam a ocupação de época romana, ou tardo-romana, que poderão corresponder a um casal rústico, mas sem que seja possível uma caracterização mais rigorosa do sítio.

De entre os materiais observados destaca-se um fragmento de tijolo grosseiro, mas bem compactado, com grafito inciso. Trata-se de um fragmento irregular, de pasta avermelhada com diversas marcas na face grafitada, correspondentes a prováveis afetações provocadas por trabalhos agrícolas no local. A face com grafito encontra-se toscamente alisada, enquanto a face inferior é mais irregular e de acabamento grosseiro para facilitar o seu assentamento.

O grafito “M”, com traços oblíquos, foi executado após cozedura, com objeto de ponta cortante (1 mm de largura), possivelmente metálico, e encontra-se na parte superior esquerda, que ainda apresenta a face lateral parcialmente conservada. O traço da letra é irregular, inclinado para a esquerda e também apresenta alturas diferentes nas terminações superiores do M, denunciando a possível dificuldade de gravação com a pasta cozida.

A seguir ao “M”, na mesma linha surge nova linha incisa oblíqua, também inclinada para esquerda, que poderá ser o arranque de nova letra indeterminada.

Não é possível confirmar se as letras estão completas, uma

¹ Os trabalhos de prospeção e acompanhamento arqueológico foram dirigidos por Nelson J. Almeida, João Barreira e Miguel Serra.

vez que a parte de baixo apresenta um sulco que corta o seu arranque.

Dimensões máximas: (12,5) x (10) x 5,5 cm.

M I(?)

Altura dos carateres: M = 3 cm; I (?) = 4,5 cm

Não é possível uma interpretação mais desenvolvida para o presente caso, dada a escassez informativa do fragmento, sugerindo-se, no entanto, a possibilidade de se tratar de uma marca de contagem, à semelhança de outras identificadas em território nacional².

MIGUEL SERRA ³

² ANTÓNIO (Jorge) e ENCARNÇÃO (José d'), «Grafito identifica Alter do Chão como Abelterium», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12/1 2009 197-200. <http://hdl.handle.net/10316/13555>.

³ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



821